

Há artes que não desaparecem; apenas aguardam o momento certo para renascer em novas mãos.

Num mundo dominado pela velocidade, pela produção em massa e pela crescente digitalização, é curioso observar como certas práticas ancestrais regressam com uma força renovada. O macramé, uma técnica artesanal baseada na criação de padrões decorativos através de nós manuais, é um desses exemplos. Em Portugal, esta arte tradicional voltou a ganhar espaço nas mãos de uma nova geração de artistas, artesãos e empreendedores criativos, que reinventam uma prática antiga através de abordagens contemporâneas. Entre tradição e inovação, o macramé emerge como expressão artística, fenómeno cultural e até resposta ao desejo crescente por autenticidade, sustentabilidade e bem-estar.

O macramé possui uma história rica e multicultural. Embora a origem exata continue a ser debatida, muitos historiadores associam a técnica aos tecelões árabes do século XIII, que utilizavam nós decorativos para finalizar tecidos e peças têxteis. O próprio termo macramé terá derivado da palavra árabe migramah, relacionada com franjas ornamentais. A técnica espalhou-se progressivamente pela Europa através de rotas comerciais, sendo posteriormente adotada em diferentes culturas e contextos artísticos.

Segundo Dormer (2025), o artesanato tradicional representa uma das formas mais sofisticadas de transmissão intergeracional de conhecimento, pois integra técnica, cultura, identidade e criatividade num mesmo processo produtivo. O macramé encaixa perfeitamente nesta definição. Cada nó transporta não apenas uma função estrutural, mas também memória cultural.

Em Portugal, o artesanato têxtil sempre ocupou um lugar importante no património cultural. Bordados, rendas, tapeçarias e trabalhos manuais acompanharam gerações, particularmente em contextos rurais e familiares. Durante décadas, técnicas artesanais foram associadas sobretudo às gerações mais velhas. Contudo, nos últimos anos, esta perceção alterou-se significativamente.

A nova geração de artistas portugueses tem vindo a resgatar o macramé com uma linguagem estética moderna. O que antes era frequentemente visto como arte decorativa tradicional é hoje reinterpretado em peças contemporâneas de design de interiores, moda, joalharia, instalação artística e decoração sustentável. Painéis de parede, suportes para plantas, luminárias, acessórios de moda e até peças escultóricas demonstram a versatilidade

da técnica.

Este renascimento não acontece por acaso. Está intimamente ligado a mudanças culturais profundas. Numa sociedade cada vez mais digital, cresce o interesse por atividades manuais que promovem desaceleração, concentração e contacto com processos criativos tangíveis. O chamado movimento slow living tem impulsionado práticas associadas ao fazer manual, ao consumo consciente e à valorização do artesanal.

Segundo Sennett (2025), trabalhar com as mãos ativa processos cognitivos únicos, favorecendo concentração, criatividade, regulação emocional e sensação de propósito. Esta perspetiva ajuda a compreender porque tantas pessoas encontram no macramé não apenas uma atividade estética, mas também uma experiência terapêutica.

A saúde mental surge, aliás, como um elemento relevante nesta reflexão. Estudos recentes demonstram que atividades manuais repetitivas e criativas podem reduzir níveis de ansiedade, promover estados de relaxamento e melhorar o bem-estar psicológico. O movimento rítmico dos nós, a atenção aos padrões e a progressão visual da peça funcionam quase como uma forma de meditação ativa.

Segundo a World Health Organization (2025), práticas criativas e artísticas desempenham um papel crescente na promoção da saúde mental, especialmente em contextos de stress crónico, ansiedade e fadiga emocional. O artesanato contemporâneo começa assim a ser reconhecido não apenas pelo seu valor económico ou cultural, mas também pelo seu potencial terapêutico.

A sustentabilidade constitui outro fator central no regresso do macramé. Em contraste com produtos industrializados e descartáveis, o artesanato manual valoriza durabilidade, personalização e menor impacto ambiental. Muitos artistas portugueses trabalham com fibras naturais como algodão reciclado, linho, juta ou cordas ecológicas, alinhando tradição artesanal com preocupações ambientais contemporâneas.

Segundo a United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (2025), o artesanato sustentável desempenha um papel estratégico na preservação cultural e no desenvolvimento económico local, particularmente em economias criativas emergentes. O macramé insere-se precisamente nesta interseção entre cultura, sustentabilidade e empreendedorismo.

O crescimento das redes sociais acelerou ainda mais esta reinvenção. Plataformas digitais como Instagram, Pinterest e TikTok transformaram profundamente a forma como artistas divulgam o seu trabalho, alcançam públicos e comercializam peças. O artesanato deixou de depender exclusivamente de feiras locais ou lojas físicas; hoje, um criador português pode vender internacionalmente a partir de um pequeno atelier.

Este fenómeno ilustra uma transformação importante da economia criativa. Pequenos produtores conseguem construir marcas próprias, desenvolver nichos de mercado e criar comunidades em torno da autenticidade do trabalho manual. Segundo Florida (2025), a economia criativa do século XXI valoriza cada vez mais originalidade, narrativa e identidade cultural, três elementos profundamente presentes no macramé.

Portugal oferece condições particularmente favoráveis a esta tendência. O país possui forte tradição artesanal, riqueza cultural e crescente valorização do design contemporâneo. A combinação entre herança manual e visão moderna cria oportunidades relevantes para artistas emergentes e pequenos negócios criativos.

Para além do valor económico, existe também uma dimensão simbólica profundamente interessante. O macramé baseia-se em nós. Cada peça nasce da ligação entre fios aparentemente independentes que, ao entrelaçarem-se, criam estrutura, beleza e significado. Esta metáfora torna-se particularmente poderosa num tempo marcado por fragmentação, aceleração e desconexão emocional.

Talvez seja precisamente isso que torna o macramé tão atual. Num mundo de produção automatizada e inteligência artificial, o valor do gesto humano ganha nova importância. Cada nó carrega tempo, intenção, erro, correção e singularidade. Nenhuma peça é absolutamente igual a outra. Cada criação contém a marca irrepetível de quem a construiu.

Entre tradição e criatividade, o macramé continua assim a reinventar-se. Não como nostalgia de um passado perdido, mas como prova de que certas artes conseguem adaptar-se sem perder a sua essência. O que muda são as mãos, os contextos e as interpretações. O que permanece é a beleza de transformar fios simples em formas complexas e cheias de significado.

Porque talvez a arte do macramé ensine algo profundamente humano: por vezes, é precisamente ao dar nós que conseguimos criar ligação, estrutura e beleza.

Referências Bibliográficas

Dormer, P. (2025). *The Culture of Craft: Tradition, Skill and Contemporary Making*. Thames & Hudson.

Florida, R. (2025). *The Creative Economy in the Digital Era*. Basic Books.

Sennett, R. (2025). *The Craftsman and Human Skill in Modern Society*. Yale University Press.

United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization. (2025). *Crafts, Cultural Heritage and Sustainable Development Report*. UNESCO.

World Health Organization. (2025). *Arts and Mental Well-being: Global Evidence Review*. WHO.